



AMOR E REVOLTA N'O ROMANCE DE TRISTÃO E ISOLDA

Cristiane da Silva Alves¹

Resumo: O amor n'O *Romance de Tristão e Isolda*, apesar de adúltero, contava com a aprovação do público, especialmente porque atendia aos seus anseios. A obra demonstra, em certa medida, as mudanças e rupturas que a mentalidade do homem estava experimentando. A glorificação do amor no *romance* traduz o ideário medieval, contrário às restrições à liberdade amorosa impostas pelos clérigos. Após um longo período de escassez e repressão, o homem se permitia, finalmente, sonhar, desejar, e também questionar, duvidar, desobedecer, se preciso. O objetivo deste trabalho é analisar como e por que *O Romance de Tristão e Isolda* pode ser considerado um ícone de exaltação à liberdade e ao amor.

Palavras-chave: *O Romance de Tristão e Isolda*. Amor. Idade Média.

A lenda de Tristão e Isolda, cuidadosamente reconstituída por Joseph Bédier, de cuja versão me vali para realizar o presente trabalho, é de origem celta, mas, não por acaso, “[...]saída das profundezas do sonho céltico, ela encantou e perturbou a alma dos franceses do século XII”. (GASTON PARIS, 1998, p. IX)

A humanidade, outrora envolta por um manto de escuridão, dominada pelos temores e pela ignorância a que se encontrava submetida ao longo do que se convencionou chamar “Idade das trevas”, estava lentamente saindo do seu estado de torpor e obscuridade para ir ao encontro da luz e do esclarecimento. A verdade e a autoridade proclamadas pela Igreja no decorrer da Idade Média já não se sustentavam absolutas e inquestionáveis como pretendiam o clero. O mundo passava por mudanças, rupturas e novos ajustes, cujos efeitos se fizeram sentir não apenas no progresso econômico como também – e principalmente – nas mentalidades de homens e mulheres que, após um longo período de escassez e repressão, se permitiam, finalmente, sonhar, desejar, e também questionar, duvidar, desobedecer, se preciso.

Após tanto tempo atormentado pelas severas regras impostas pelos clérigos, o homem medieval começava a demonstrar que já não estava tão disposto a atender a interesses que não iam ao encontro dos seus. Essa resistência, ultrapassando os limites

da realidade e do cotidiano, fez-se presente na literatura, através da qual se edificaram sonhos, deleites e transgressões. É bem verdade que já há algum tempo a literatura de divertimento se permitia ousar, evidenciando em suas páginas amores adúlteros, paixões condenáveis, seres maravilhosos e personagens cujo pudor – se existia – estava aquém do desejado pela tradição eclesiástica. Todavia, foi n’*O Romance de Tristão e Isolda* que a oposição à Igreja e à própria sociedade se mostrou mais claramente, destacando, através das personagens, a angústia e o repúdio daqueles homens e mulheres que se encontravam tolhidos pelos princípios sociais e religiosos da época.

Provocante, desafiadora e, acima de tudo, atraente, a lenda do valente Tristão e da bela Isolda caiu, não por acaso, nas graças do público que, longe de condenar os amantes, ficou inebriado com a sua ousadia, aprovando e, sobretudo, ansiando pela realização de seu amor. Nesse sentido, Maria Nazareth Alvim de Barros comenta que

a quantidade de versões e de episódios que contaram as aventuras dos amantes nos mostra o quanto a lenda fascinou seu público, e o quanto o homem sonhou, fantasiou, desde tempos imemoriais, com a completude amorosa, em que não houvesse lugar para culpa, pecado, arrependimento ou remorso. (BARROS, 2001, p. 310)

O Romance de Tristão e Isolda distingue-se, pois, daqueles que o precederam, em especial pela “modernidade” com que foi tecido o enredo, sobressaindo-se, nesse aspecto, a glorificação do amor condenável que, muito embora seja privado de aprovação pela lei dos homens, goza, ao que tudo indica, de aprovação divina, eis que, mesmo diante dos mais diversos obstáculos e adversidades, os amantes sempre saem ilesos, o que poderia sugerir, portanto, que Deus age e julga de modo diferente daquele apregoadado pela Igreja.

Assim, transgressor e sem limites, o amor domina a obra e as personagens, despindo-as de sentimentos de culpa ou pesar e, sobretudo, não deixando margem a qualquer resistência. Isso bem se pode notar com relação a Tristão, o mais valente e respeitado dos cavaleiros, que não sucumbiu diante das mais difíceis batalhas e provações, mas cujas forças são minimizadas diante do amor por Isolda, não conseguindo combater o sentimento que dele se apossa como um germe. É visível a transformação da personagem que, inicialmente, age como herói e cavaleiro fiel, sempre se aventurando na proteção e honra de seu rei, mas, no decorrer da narrativa, inebriado pelo amor pecaminoso que o mantém atado à bela rainha, passa a agir em prol da própria individualidade, quebrando os laços feudais tão caros à cultura medieval, incorrendo naquele que era considerado o pior dos crimes, conforme explica José

Roberto Mello: “A felonía era o pior crime no mundo feudal: a traição cometida por um vassalo contra a fidelidade jurada” (MELLO, 1992, p. 107). Tristão, dominado pelo amor, só a ele atende, em detrimento de qualquer dever ou costume.

Maria Júlia Alves de Souza, ao comentar *O Romance*, afirma que

a supremacia do individual sobre o coletivo está presente em **O romance de Tristão e Isolda**, desde o momento em que o casal é “contaminado” pela poção de amor até o fim da história. Tristão não hesitou nenhuma vez em ficar com sua amada, apesar de Isolda ser a esposa do rei Marc. Em nenhum momento, Tristão deixou de agir pelos seus desejos em nome de qualquer ordem, mesmo da sua esperada lealdade para com Marc. (SOUZA, 2003, p. 699)

A obra age, assim, mais do que literatura de entretenimento, como um testemunho histórico das mudanças no pensar e no agir do homem que, gradualmente, vai abandonando a busca pelo bem-estar coletivo para alcançar a satisfação individual. Esse homem já não se aventura à procura de honrarias e glórias para o seu senhor e suserano, ou mesmo em sua defesa, mas volta-se para si mesmo, para a sua própria glória e realização, perdendo, ou diminuindo, o sentimento de dever com a coletividade. Entretanto, a obra cuida de mostrar que essa busca subjetiva, esse apartamento do coletivo, tem o seu preço: causa sofrimento, frustração, desonra e até mesmo a morte. Não deixa de ser, de certa forma, uma representação daquilo que pregava a moral religiosa, apoiada na ida de rebanho, de povo unido sob o mando e a proteção do Senhor, cujo afastamento, de acordo com o discurso clerical, só poderia atrair consequências nefastas.

Eis o drama de Tristão, o drama do homem que, afastado da tradição calcada na fé e na união com os seus pares, queda-se solitário, desamparado, perdido em meio às próprias angústias, em um inesgotável embate interior.

Diferenciando-se de Galaaz, o cavaleiro perfeito, intocado pelos vícios mundanos, Tristão cede à tentação, rompe deveres, trai, desaponta, e, em que pese não demonstrar culpa ou arrependimento, sente a angústia do desterrado, que já não pode integrar-se à sociedade sem sentir-lhe o peso opressor de acusação e reproche. Igualmente, a personagem Isolda, ao romper com a tradição e os deveres femininos, experimenta o desamparo e a humilhação. Ela, rainha, mãe de seus súditos, que abandona os deveres para com o reino, para partir em busca da satisfação amorosa, atuando através de ardis e engodos, transgride, desafia e sofre, da mesma forma que Tristão, o desprezo e a censura. O amor que os conserva ligados, entretanto, parece ser o

único interesse a sustentá-los, e goza de tal intensidade que, entre separar-se e abster-se do convívio social, optam pelo último.

Assim, rumam para a floresta e lá, tão livres quanto folhas ao vento, permitem-se viver o malfadado sentimento, ainda que à custa de toda sorte de privações, pois, em que pese a liberdade para desfrutarem o amor, a floresta de Morois não é, necessariamente, o paraíso. Ao contrário, tal é a situação deplorável experimentada pelos amantes, tão amargas as suas misérias, que o próprio rei se compadece ao encontrá-los na mata, magros e vestindo não mais que andrajos, como verdadeiros anjos caídos, despidos de glórias, despojados de honras, solitários e sem amparo.

É interessante notar ainda que, ao longo da obra, também o rei Marc se mostra governado pelo amor, embora um amor diferente do sentimento selvagem vivenciado por Tristão e Isolda, mas que, ao fim e ao cabo, é, da mesma forma, um sentimento que envolve e desconcerta, fazendo com que suas ações sejam dominadas pelas emoções, e não pela razão ou pelo costume. Mesmo tomado de afeto por Tristão, Marc, que também ama Isolda, é constantemente invadido por outro sentimento tão intenso quanto o amor, embora menos nobre – o ciúme. E, quando conhece, finalmente, o adultério dos amantes, é o ciúme, maliciosamente fomentado pelos barões, que domina suas ações e o leva, apenas para citar um exemplo, a negar o julgamento reclamado por Tristão, mesmo ante as súplicas do povo:

Não havia quem não chorasse, exceto o anão de Tintagel. Então o rei falou-lhes assim:
– Senhores, mandei levantar esta fogueira de espinheiros para Tristão e a rainha, pois eles prevaricaram.
Mas todos lhe gritaram:
– Julgamento, rei! Primeiro o julgamento, a acusação e a defesa! Mata-los sem julgamento é uma vergonha e é crime. Rei, tempo e mercê para eles!
Marc respondeu, em sua cólera:
– Não, nem tempo, nem mercê, nem defesa, nem julgamento! Por aquele Senhor que criou o mundo, se alguém ainda exigir uma coisa dessas, será o primeiro a arder naquele braseiro! (BÉDIER, 1998, p.56)

Dessa forma, também Marc é arrastado pelos sentimentos – ora de amor, ora de ciúme – e desatende ao seu papel, na medida em que não age em prol dos interesses e da vontade de seus súditos, mas sim de acordo com as próprias determinações, guiado por motivações de ordem sentimental e privada, em desacordo com o seu papel de monarca, representante da Cornualha. Ao permitir que a relação adúltera entre a esposa e o sobrinho seguisse sem punição Marc dava vazão à insubmissão e punha em cheque a própria autoridade, desafiando as regras da moral vassálica, segundo a qual deveriam

seus homens servir inteiramente aos seus interesses, esquecidos de si mesmos, devotados e fiéis, leais ao seu rei e senhor.

Por outro lado, ao insistir em uma punição sem o devido julgamento, Marc atentava contra uma lei ainda maior do que a sua: a lei divina, pois, apesar das evidências, cuida *o romance* de lembrar que “não é o fato que prova o crime, mas sim o julgamento. Os homens vêem o fato, mas Deus vê os corações e somente ele é o juiz verdadeiro”. (BEDIER, 1998, p. 53)

Ressalte-se, por relevante, que, no episódio do julgamento negado por Marc, o povo não clama pela punição dos adúlteros, mas, ao contrário, chora pelo desfecho trágico que os aguarda, além de acusar de criminosa a determinação real. Poder-se-ia mesmo pensar que a voz do povo, assim expressa no texto, está colocada de modo a traduzir o ideário medieval, francamente contra as restrições à liberdade amorosa impostas pelo clero. Em uma época de casamentos arranjados, em que a união não era mais que um rito, movido por interesses e não por sentimentos, *O Romance de Tristão e Isolda* figura como um ícone de exaltação à liberdade e ao amor, desprezando quaisquer leis ou costumes que a eles se opusessem. É, como bem afirma Maria Nazareth Alvim de Barros, um “romance de revolta, não só contra os valores espirituais da sociedade, mas também contra os valores sociais e contra tudo que limita o ser humano e entrava a sua liberdade” (BEDIER, 1998, p. 301).

Assim, se o dever conjugal impunha a Isolda a fidelidade e o respeito a Marc, muito mais parecem lhe impor os ditames do coração, que, desconhecendo qualquer regra, empurram-na para os braços de Tristão, vivendo e revivendo o seu amor de forma plena, sem arrependimentos. Também Tristão não se rende às normas sociais e às suas obrigações ao se casar com Isolda das Brancas Mãos, que permanece intocada mesmo após a noite de núpcias, sem que ele manifeste qualquer iniciativa para consumir a união, levando-a a se queixar ao irmão, que reclama:

– Sire Tristão, minha irmã confessou-me a verdade de suas núpcias. Considerava-vos um igual e um companheiro. Mas faltastes com a vossa palavra e desonrastes a minha família, Doravante, se não me fizerdes justiça, ficai sabendo que vos desafio. (BÉDIER, 1998, p. 112)

Ao contar-lhe, entretanto, a história de seu amor por Isolda, a Loura, e as suas desventuras, Tristão acaba por obter a simpatia do cunhado, que se compadece do seu sofrimento: “– Amigo – disse por fim –, ouço palavras maravilhosas e emocionastes

meu coração até a compaixão: pois suportastes penas tais que Deus nos livre a todos nós de sofrer!” (BÉDIER, 1998, p. 112).

É de se notar que Kaherdin, o cunhado de Tristão, apiedando-se dos amantes, tal qual o povo da Cornualha anteriormente, também não lhes imputa culpa, mas, sim, mostra-se solidário com o seu sentimento e condoído com o sofrimento que experimentavam. Mais uma vez, a obra demonstra a supremacia do amor, que, além de não sofrer censura, causa comiseração pela impossibilidade de se realizar.

O adultério na obra, pois, não é objeto de condenação senão por aqueles que tinham inveja de Tristão, os barões, ressentidos pela afeição e confiança que Marc sempre dispensara ao sobrinho e, principalmente, pelo amor que a rainha dedicava a ele. Igualmente, não parece que o adultério tenha sido alvo de maiores reprovações por parte daqueles homens e mulheres que, não apenas se deleitaram com *o romance*, como, também, contribuíram para difundir a história, contando-a e recontando-a.

E, se os amantes morrem, ao final, poderíamos imaginar que foi uma forma de atender a censura religiosa, demonstrando que, afinal, os pecadores foram condenados e o amor pecaminoso foi extirpado. Prefiro pensar, todavia, que foi o ato final de protesto, para demonstrar, ainda com mais vigor, a força do amor, que, no caso de Tristão e Isolda, nem a morte conseguiu suplantar, pois suas almas permaneciam de tal forma atadas que

durante a noite, da tumba de Tristão brotou um espinheiro verde e frondoso, de galhos fortes, de flores perfumadas, que, elevando-se por cima da capela, enterrou-se na sepultura de Isolda. As pessoas do lugar cortaram o espinheiro. No dia seguinte, ele renasceu, tão verde, tão florido, tão vivo quanto antes, e ainda mergulhava no leito de Isolda a Loura. Por três vezes quiseram destruí-lo, em vão. Finalmente, contaram o prodígio ao rei Marc. O rei proibiu daí por diante que se cortasse o arbusto. (BÉDIER, 1998, p. 145)

Love and revolt in *The Romance of Tristan and Iseult*

Abstract: Love in *The Romance of Tristan and Iseult*, although it was adulterous, had the sympathy from people, especially because it was in accordance with their wistfulness. The work demonstrates, in a way, the changes and ruptures that the mentality of the man was experiencing. The glorification of love in *the romance* manifests the medieval idea, against the restrictions on freedom to love, imposed by clerics. After a very long time of scarcity and repression, the man took the liberty of dreaming, desiring, also questioning, doubting, if it was necessary. The aim of this work is to analyze how and why *The Romance of Tristan and Iseult* can be considered an icon of freedom and love.

Keywords: *The Romance of Tristan and Iseult*. Love. Medieval Ages.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestranda em Literatura Brasileira pela mesma instituição. Pesquisadora voluntária no projeto "A narrativa medieval: história, literatura e imaginário", coordenado pela Prof^a. Dr^a. Elisabete Carvalho Peiruque. Email: cristianesalves@gmail.com.

Referências:

BARROS, M.N. A. de. "Tristão e Isolda: O adultério sem redenção". In: *As Deusas, as bruxas e a Igreja: séculos de perseguição*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001, p. 291-312.

BEDIER, Joseph. *O Romance de Tristão e Isolda*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GASTON PARIS, "Prefácio", 1900. In: BEDIER, Joseph. *O Romance de Tristão e Isolda*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. IX-XV.

MELLO, J. R. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo: Contexto, 1992.

SOUZA, M. J. A. "Elementos de modernidade n'O romance de Tristão e Isolda: o individualismo, o feminino e a paixão". In: LEÃO, A. V.; BITTENCOURT, V. de O. (Orgs). *Anais: IV Encontro Internacional de Estudos Medievais da ABREM*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003, p. 698-705.